



bruno

dunley

ruído

galeria

nara

roesler



detalhe/detail-- **drive in**, 2015 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 160 x 120 cm

bruno dunley

pintura primal
felipe scovino

O conjunto de obras de Bruno Dunley para essa exposição compõe um cenário ruidoso e denso. Há uma espécie de sujeira impregnada no fazer dessas pinturas. Afirmo isso por dois motivos: o primeiro é que a pintura é dinâmica; o traço, longe de ser displicente, é resultado de um embate com o mundo, pois repercute a própria velocidade e o barulho desse tempo que vivemos. Nesse sentido, presenciamos imperfeições que variam desde o papel que pode estar rasgado à própria incongruência, num primeiro olhar, do conjunto das figuras, gestualidades e símbolos concentrados na tela, no linho ou nos papéis. O que me chama a atenção é a vontade em demasia de preencher o espaço daquele suporte com um discurso que se

torna evidente não exatamente pelo que vemos como resultado final na tela ou no papel, mas substancialmente no processo de construção. Nesse sentido, a gestualidade, tão importante no trabalho de Bruno, se aproxima em certa medida do processo da pintura expressionista. Percebemos, em qual suporte for, que há uma potência, um sentimento, uma vontade, algo mesmo primal, que está sendo investido. São obras que ganham uma maior compreensão estando próximas umas das outras. Formam, portanto, uma narrativa, que explicita essa atmosfera menos solar que sobrevoa seus trabalhos. Não são obras melancólicas ou tristonhas, mas parecem refletir o próprio desconforto e insegurança que atravessa a contemporaneidade.



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler, 2015

A ideia de narrativa é bastante explícita na seleção dos papéis, pois eles ajudam a criar um caminho ou sucessão de possibilidades visuais e poéticas que esse conjunto arregimenta. O artista faz uso do retângulo como a figura geométrica central nessa pesquisa mais recente, tendo o seu “corpo” ou interior investido como objeto de experiência e transformação. Operando uma série de articulações, preenchimentos, sucessões de traços e gestos assim como sobreposições, estes procedimentos alimentam um *quase corpus* (e citando Gullar no Manifesto Neoconcreto, seria um “ser que, decomponível em partes pela análise, só se dá plenamente à abordagem direta, fenomenológica”) preenchido de luz.

O retângulo, aliás, é presente em duas telas, e também nestas há uma tendência em apagá-lo, desmistificá-lo e, de alguma forma, reconduzi-lo a uma nova experiência. É interessante estar diante dessa investigação que cria modulações e incertezas, e que elas sejam bem-vindas na arte!, entre o que é cor e o que é luz na pintura. Percebam que as ligações com a história da pintura são muito frequentes nessas obras. Lá estão o *grid*, a veladura, o jogo entre luz e sombra, o *trompe l’oeil*, o *sfumato*. A sobreposição de camadas e texturas ajuda a revelar essas tramas assim como, por outro lado, transmite um certo ar de mistério às obras, em especial as telas. Elas parecem se revelar aos poucos, quase como se estivessem se desfazendo, exibindo-se de forma lenta e gradual. Elas não esclarecem nada, pelo contrário, tornam a nossa interpretação sobre elas, duvidosa, múltipla. Mais se escondem do que se mostram. Essa relação dúbia e simultaneamente fugaz conduz ao que



sem título/untitled, 2015 -- óleo sobre tela/oil on canvas --
160 x 120 cm

poderíamos chamar de uma pintura preenchida por “erros”. Percebam que voltando à qualidade de sujeira que descrevi no início e somando as imperfeições das formas, as figuras fragmentadas e inconclusas e as sucessivas camadas e veladuras que recompõem a todo o instante o processo narrativo dessas pinturas, as obras de Bruno criam uma sensação de sufocamento, isto é, o plano parece não dar conta da quantidade de relações e imagens que são evocadas. As obras nesse momento viram fragmentos de histórias, pois elas parecem acontecer e terminar antes e depois da aparição dessas formas. Várias histórias proliferam ao mesmo tempo naquele plano e cabe a nós, espectadores, estabelecer essas conexões ou entendê-las como eventos individuais. Tudo, enfim, parece estar aberto às nossas próprias elucubrações. Não confundam essa particularidade da obra como sendo algo fácil ou desmerecedor do trabalho. É da mais alta competência estabelecer contatos ou vínculos entre fragmentos e referências que ganham consistência quando reunidos. O artista reúne elementos dispersos que enquanto conjunto ganham relevância e pertinência, especialmente se os interpretamos à luz da história da pintura. Nesse sentido, portanto há um referente para essas obras. De formas diversas, Bruno expõe os símbolos/elementos da pintura: aproxima-os para relativizá-los, e dispersando-os, acaba por colocá-los em evidência. A densidade e força de seus traços destaca uma certa tensão que esses elementos elaboram. Tudo corre num ritmo acelerado, como se a pintura estivesse também insatisfeita com a sua própria condição de planaridade. A pintura percorre o próprio movimento do mundo, da cadeia avassaladora de informações em que nos afundamos diariamente e, claro, das discordâncias e inconformidades do cotidiano.

Esse conjunto de obras fala de uma atmosfera, de uma convergência que as faz estarem próximas. Penso ser mais razoável articularmos essa condição do que analisá-las individualmente. E esse ambiente está profundamente enraizado numa espécie de *zeitgeist* do nosso tempo. Turbulentas, caóticas, tumultuadas, partilhadas e, até certo ponto, violentas, elas nos fazem perceber as idiossincrasias, contradições e o tempo dilacerante do agora. Como um sintoma do mundo ou um simulacro das percepções que vivenciamos, essas obras abordam, e suas qualidades mesclam, uma possibilidade vívida de nos depararmos com a própria condição de mundo em que vivemos: intolerante, dispersivo, irresoluto, severo e em certa medida incompreensível.



detalhe/detail -- sem título/untitled, 2015 -- óleo sobre tela/
oil on canvas -- 160 x 120 cm



vista da exposição/exhibition view -- galeria nara roesler, 2015



detalhe/detail -- **sem título**/untitled, 2015 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 160 x 120 cm

bruno dunley

pintura primal
felipe scovino

This set of works by Bruno Dunley shown in this exhibit outline a noise-laden, dense scenario. There is a sort of crud encrusted in the making of these paintings. I say this for two reasons: the first is that the painting is dynamic; the line, far from being absent-minded, is the result of a clash with the world, for it mirrors the very speed and noise of the times we live in. We witness imperfections that range from the occasional tear on a paper sheet to the incongruity, at first glance, of the set of figures, gesturalities and symbols concentrated on the canvas, linen or paper sheets. What grabs my attention is the urge to fill the space of that material with a discourse that makes itself evident not exactly through what we see as the end result on the canvas or the paper, but substantially in

the construction process. In this sense, gesturalità, such an important element of Dunley's work, is to a degree connected with the expressionistic painting process. We realize, whatever the material, that there is a power, a feeling, a will, albeit primal, that is being invested. These artworks are more broadly comprehended when close to one another. They form a narrative that renders explicit this less solar atmosphere that hovers about his work. This is not to say that they bring melancholy or sadness, but they seem to reflect the very discomfort and insecurity that contemporaneity entails. The idea of narrative is quite explicit in his selection of paper, since it helps create a path or succession of visual and poetic possibilities, connected with this set of works. The artist uses the rectangle as the

key geometric figure in his more recent work, its “body” or insides invested as an object of experience and transformation. In articulating, filling, sequencing, and superimposing lines and gestures, such procedures feed a light-filled *quasi-corpus* (and, to quote from Gullar on the Neo-Concrete Manifesto, is a “being that can be deconstructed into parts for analysis but can only be fully understood through a direct, phenomenological approach”).

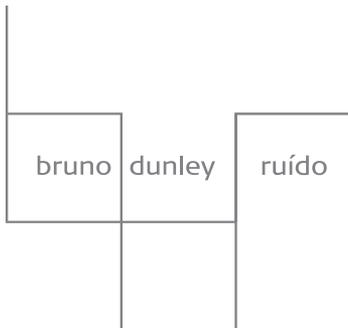
The rectangle is featured in two canvases, and they too show a tendency to erase, demystify, and somehow reroute it to a new experience. It is interesting to be faced with this investigation that breeds modulations and uncertainties, and may they be welcome in art!, between what is color and what is light in painting. Note that the connections with the history of painting are very frequent in these works. Here, one finds the grid, the glaze, the light-and-shadow play, the *trompe l'oeil*, the *sfumato*. The superimposition of layers and textures helps reveal these meshes, and on the other hand endows the pieces with an air of mystery, particularly the paintings. They appear to reveal themselves little by little, as if they were unraveling, exhibiting themselves slowly and gradually. They don't clarify anything; on the contrary, they make our interpretation of them doubtful, multiple. They hide more than they show themselves. This at once dubious and fugacious relationship is conducive to what one might call an “error-filled” painting. Note that by going back to the crud-like quality I described in the beginning, coupled with the imperfection of the forms, the fragmented, inconclusive figures and the successive layers and glazes that recomposed the narrative process of these paintings at every minute, Dunley's work creates a sense of suffocation, i.e. the plane does not seem to account for the amount of relationships and images that are evoked. At this

point, the artworks turn into fragments of stories, for they seem to occur and run their course before and after these forms appear. Several stories proliferate at once in that plane and it is up to us, the spectators, to make these connections or understand them as individual events. In short, it all seems open to our own musings. Do not mistake this particularity of the piece for something easy or which detracts from the piece. It takes the highest of competences to establish contact points or ties between fragments and references that gain consistence when together. The artist gathers disperse elements that take on relevance and pertinence as a group, especially when interpreted in light of the history of painting. In this sense, therefore, there is a referent to these works. In many ways, Dunley exposes the symbols/elements of the painting: he brings them together to relativize them, and in dispersing them, he ultimately puts them in evidence. The density and strength of his lines denotes a certain tension that these elements conjure. Everything happens at a fast pace, as if the painting itself were also dissatisfied with its condition of flatness. The painting travels the very movement of the world, of the overwhelming chain of information we sink under each day and, of course, of the discordances and unconformities of daily life.

This set of works speaks of an atmosphere, a convergence that brings them close. I reckon it is more reasonable for us to articulate this condition than to analyze them separately. And this ambience is deeply rooted in a sort of *zeitgeist* of our times. Turbulent, chaotic, tumultuous, shared, and to an extent violent, they cause us to realize the idiosyncrasies, contradictions and the dilacerating time of now. Like a symptom of the world or a simulacrum of the perceptions we experience, these artworks approach, and their qualities combine, a lived possibility of our being faced with the very condition of the world we live in: intolerant, dispersive, irresolute, severe, and to a degree incomprehensible.



vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015



texto/text
felipe scovino

tradutor/english version
gabriel blum

realização/produced by
galeria nara roesler

galeria nara roesler
rio de janeiro

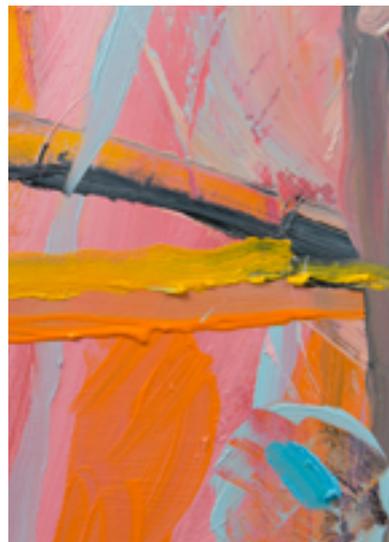
r redentor 241
ipanema 22421-030

abertura/opening

24.11.2015
19 > 22h

exposição/exhibition

25.11.2015 > 13.02.2016
seg/mon > sex/fri 10 > 19h
sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) -- detalhe/detaile -- **sem título/untitled**, 2015 -- óleo sobre tela/oil on canvas
-- 160 x 120 cm



galeria

nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york

info@nararoesler.com.br
www.nararoesler.com.br